



Geografias Culturais do Turismo/ Lazer: lições de David Crouch

Cultural Geographies of Tourism/Leisure: lessons from David Crouch

Jaciel Gustavo Kunz¹

RESUMO: Eminent geógrafo cultural britânico, David Crouch pesquisa e escreve sobre paisagens, práticas, performances, turismo e lazer há pelo menos vinte anos, e apesar disso, é ainda pouco difundido entre acadêmicos brasileiros do Turismo. Portanto, partindo de revisão de literatura, este ensaio tem como objetivo sistematizar suas contribuições teórico-conceituais centrais para o campo do Turismo. Secundariamente, busca-se identificar as principais influências intelectuais subjacentes a seu trabalho e a evolução das temáticas por ele tratadas. Para Crouch, dada a ênfase em práticas, turismo/lazer é modo distinto de encontro dos sujeitos consigo mesmos, com outros sujeitos, e com espaços, lugares e paisagens. A partir de sua noção de encontros turísticos, o autor entrelaça as possibilidades da performatividade ao conceito de paisagem, ou seja, concebe-a no aspecto “mais-que-representacional”. Assim, Crouch contribui para a pluralização do campo denominado Geografias Culturais do Turismo, que parte da Geografia e pode orientar o estudo do Turismo, em especial de seus sujeitos, que se tornam turistas. Suas proposições e seus argumentos encaminham para uma visão matizada entre turismo e lazer, em que determinadas práticas, inclusive as visuais, permeiam ambos os fenômenos, superando a ideia recorrente de consumo.

¹ Doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Bacharelado em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professor Adjunto no Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Palavras-chave: Geografias Culturais do Turismo; Lazer; Práticas; Encontros; David Crouch.

ABSTRACT: Prominent British cultural geographer, David Crouch has been researching and writing about landscapes, practices, performances, tourism and leisure for at least twenty years, and despite this, he is not widespread among Brazilian Tourism scholars. Therefore, starting from a literature review, this essay aims at systematizing his core theoretical and conceptual contributions to the field of Tourism. Secondarily, it seeks to identify the main intellectual influences underlying his work and the evolution of the themes he dealt with as well. For Crouch, given the emphasis on practices, tourism/leisure is a different mode of encountering subjects with themselves, with other subjects, and with spaces, places and landscapes too. From his notion of tourist encounters, the author, interweaves the possibilities of the performativity to the concept of landscape, that is, he conceives it in the “more-than-representational” aspect. Thus, Crouch contributes to the pluralization of the field called Cultural Geographies of Tourism, which starts from Geography and can guide the study of Tourism, especially of its subjects, who becomes tourists. His propositions and arguments lead to a nuanced vision between tourism and leisure, in which certain practices, including visual ones, permeate both phenomena, overcoming the recurrent idea of consumption.

Keywords: Cultural Geographies of Tourism; Leisure; Practices; Encounters; David Crouch.

1 INTRODUÇÃO

Concorda-se com Araújo e Lobo (2017, p. 3), quando defendem: “O Turismo pode ser considerado um fenômeno complexo, pelos efeitos que produz no espaço, ao se promulgar simultaneamente em múltiplas dimensões, o que requer que se tenha uma visão transdisciplinar do fenômeno”. A complexidade vem articular a diversidade de contribuições epistêmicas no Turismo, bem como aquelas oriundas da ciência geográfica (PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015).

Nesse sentido, os artigos na área do Turismo citam variados geógrafos culturais, como Crang (1997), Crouch (2007) e Edensor (2001, 2007). Julga-se inapropriado falar-se em uma “geografia do turismo”, tendo em vista a variedade existente nas correntes filosóficas, metodologias, escalas de análise etc. (HALL; PAGE, 2009).

Expressão plural, as geografias do turismo foram objeto de uma obra, um manual (WILSON, 2012), o qual, partindo de paradigmas distintos, abarca temas diversos: ambiente, economia, espaços urbanos e rurais. Também relacionada ao tema tem-se a revista científica *Tourism Geographies* (Geografias do Turismo), que surgiu no fim dos anos 1990, se coloca como um periódico internacional sobre espaço turístico, ambiente e lugar. O periódico reúne pesquisa acadêmica aplicada, e de tradições regionais ao redor do mundo, incluindo abordagens multidisciplinares da Geografia e áreas afins (TOURISM GEOGRAPHIES, 2020).

Mas, como corrente específica da ciência geográfica, a chamada Geografia Cultural traz o conceito operacionalizador de paisagem em seu cerne, pois os grupos culturais a constituem de modo diferencial, a partir da interação com o ambiente. Algumas tradições de paisagem, por sua vez, a tratam como produto cultural, e assim torna-se “expressão fenomênica do modo particular como uma específica sociedade está organizada em um dado tempo e espaço” (CORRÊA, 2011, p. 13).

O envolvimento de estudiosos com geografias culturais e sociais também tem sido contributos da Geografia ao Turismo (HALL; PAGE, 2009). Diante disso, Crang (2009) enuncia o termo “geografias culturais do turismo”, que não diz respeito a um mapa fixo de sujeitos e destinos, empacotados e representados, mas a um conjunto de práticas que de modo relacional constituem o que vem a ser um entorno familiar e um não familiar.

Nesse cenário teórico-epistemológico desponta David Crouch, que é geógrafo, doutor, e professor emérito na Universidade de Derby, Reino Unido. Suas produções encontram expressividade tanto na ciência geográfica quanto no campo do Turismo. Mais recentemente, foi co-organizador do livro *Cultural turns/geographical turns: Perspectives on cultural geography*. Além disso, foi convidado a redigir um comentário de uma edição de aniversário da *Tourism Geographies*.

Ao buscar trabalhos publicados em periódicos brasileiros e ibéricos da área de Turismo, por meio do site Publicações em Turismo, com a inserção do termo “Crouch”, encontram-se dezesseis registros (PUBLICAÇÕES DE TURISMO, 2020).

Os trabalhos se referem, contudo, a Geoffrey Crouch¹, da Universidade de La Trobe, Austrália, oriundo do campo do Marketing. A exceção é Guimarães (2012), que utilizou David Crouch em seu trabalho para analisar um balneário.

A visão de turismo aqui se encontra amparada na concepção de espaço geográfico que é, a um só tempo, extensão racional, dimensão vivida da experiência e produto social (PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015). As mobilidades turísticas figuram entre a multiplicidade de práticas, seus discursos e suas representações (ADEY, 2017). Nesse cenário, notam-se distintos modos de preencher o significante “turismo”: código de uso e de leitura do espaço; campo de aprendizagem de si e do mundo; e, aspectos corporificados das práticas turísticas (PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015).

Crouch (1999, 2006), aqui estudado, defende por vezes o uso conjunto do turismo e lazer (turismo/lazer), pois, em vez de duas instâncias separadas, são em realidades dois fenômenos imbricados, ao se constituírem em meio de se praticar o espaço, embora, segundo Santos e Gomes (2016) sigam sendo fenômenos e campos distinguíveis em suas trajetórias singulares.

Nessa pluralidade, o turismo e o lazer fazem culminar o físico, o perceptual e o experencial: em suas viagens, o turista não experienciará um conjunto separado de objetos, mas uma paisagem inteira (KNUDSEN; RICKLY-BOYD; METRO-ROLAND, 2012, 2013). Na experiência turística, a paisagem é mais-que-visual (WYLIE, 2013) e, derivada da apreensão sensória, as normas performáticas ditarão a reprodução de paisagens no turismo (EDENSOR, 2007).

Ao abordar as paisagens, busca-se compreender os significados de os sujeitos experienciarem geograficamente uma área a partir da intencionalidade turística (PIMENTEL, 2010), ou seja, com a alteridade, quer o Outro sujeito, quer a outra paisagem (MACCANNELL, 2011). Nessas circunstâncias, “as próprias performances dos visitantes e o fato de um lugar estar povoado de turistas, auxilia a compor o sentido de determinadas paisagens” (PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015, p. 454).

Com a emergência do paradigma das novas mobilidades, que aparece na terceira versão do livro *O Olhar do Turista* – inicialmente escrito por John Urry, e que na nova versão aparece com a coautoria de Jonas Larsen (URRY; LARSEN, 2011) – acrescenta-se um capítulo dedicado à corporificação e às performances de mobilidade turística, buscando transpor o olhar clínico (LARSEN, 2014). Larsen e Urry (2011), sustentam, portanto, que os paradigmas do olhar e da performance são reconciliáveis, sendo que este se desenvolve por uma abordagem relacional que reconhece a interseção dos sentidos: o olhar é corporificado.

Dada a relevância do autor em tela, contrastada com sua aparente invisibilidade, até o momento, na pesquisa turística brasileira, o objetivo deste ensaio é de refazer a trajetória teórico-conceitual da obra de David Crouch, de modo a reconhecer e

¹ É o autor mais citado no tópico análise da vantagem competitiva do Turismo entre 1986 a 2012 (SANTOS; RIBEIRO, 2016).

delimitar suas linhas-mestras, bem como as contribuições-chave para o campo. Como objetivo específico, interpõe-se: identificar as principais influências intelectuais subjacentes a seu trabalho e a evolução das temáticas por ele tratadas.

Quando necessário, recorre-se a autores das Geografias Culturais do Turismo, a fim de colaborar à tessitura, destacando-se Crang (1999), Edensor (2001, 2007) e Larsen (2006). Para tal, lança-se mão de revisão de literatura, de caráter exploratório e corte qualitativo. A apreciação das contribuições do autor é feita na dois, e uma síntese é oferecida na seção três, juntamente aos encaminhamentos finais.

2 ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DE DAVID CROUCH

Torna-se notória a implicação mútua entre turismo, espaço, corpo e subjetividade: o sensorial permite a experiência no/do turismo; o corpo existe em certos contextos de sujeitos, lugares, subjetividades e conhecimentos, sendo ele que propicia predisposições entre nós e o entorno (CROUCH; DESFORGES, 2003), que são potencialidades espaciais, a permitir ou restringir centros conjuntos de práticas – a agência (EDENSOR, 2007).

A obra *O Olhar do Turista*, de Urry (1996) teria pecado, ao enfatizar a contingência histórica do consumo turístico, e ao relegar sensorial dos sujeitos a um plano secundário (CROUCH; DESFORGES, 2003).

O turismo/lazer é produzido/consumido em espaços, embora o consumo aqui não implique necessariamente em ato de compra (CROUCH; DESFORGES, 2003), de bem ou serviço, com o consequente valor de troca e reprodução do capital, ou ainda, consumo simbólico-visual, somente. Diante disso, as performances dão “cor” ao caráter do consumo, e paralelamente, os chamados produtores dão resposta às práticas ativas do turista (CROUCH, 1999, 2006, 2007). Pondera-se que “o consumo é uma ferramenta teórica útil, mas pode ser inadequada para dar conta da prática espacial do turismo/turista” (CROUCH, 1999, p. 6, tradução nossa). Nos encontros turísticos, o consumo visual ocorre ao longo de outros componentes da prática (CROUCH; LÜBBREN, 2003).

Ressalta-se que “as práticas oferecem um modelo de um processo mais ativo que o do consumo” (CROUCH, 1999, p. 7, tradução nossa). A abordagem “produtivista” concede pouco espaço à agência² dos sujeitos, o que significa que o turismo/lazer apenas provê estruturas nas quais a prática imaginativa entra em cena, explorando desejos (*ibidem*). O sujeito do turismo/lazer é partícipe na produção dos espaços que confere sentido. Isso sugere que “a apresentação e a representação de um lugar têm seus limites sobre sua influência, sobre seu uso.” (CROUCH, 2006, p. 130, tradução nossa). A atribuição humana de significado no turismo/lazer surge dos contextos relacionais do envolvimento daquele que percebe no/do mundo (INGOLD, 2000).

2 Aqui não se refere a agências de viagens e turismo, e sim à capacidade individual de agir do ser humano, formando um par dialógico, antagônico e complementar, com as chamadas estruturas sociais.

Conquanto “ideologias predominantes de paisagens e espaços de natureza podem ser profundamente reconstruídas pelas práticas de lazer [...]” (CROUCH, 2006, p. 135, tradução nossa), essas ideologias não se mostram capazes de restringir o significado dessas experiências ou práticas corporificadas. Assim, destinos e atrações turísticos tornam-se significativos a partir do modo como encontramos com eles.

O turista engaja-se e confere sentido dos encontros por meio do espaço: as representações dotarão de significado esses encontros turísticos (CROUCH; ARONSSON; WAHLSTRÖM, 2001). “A corporificação é um importante caminho no qual as pessoas buscam recentrarem-se por meio do turismo/lazer e usam o espaço no processo.” (CROUCH, 1999, p. 9, tradução nossa).

Há foco na prática efetiva do turista, mas também na atribuição de significado ao que faz/pratica como sujeito ativo; atos corporificados moldam o significado do mundo físico (KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY-BOYD, 2013). Segue-se a ideia da “mais-que-representação” (LORIMER, 2005), segundo a qual as representações não apenas refletem a realidade, mas têm força efetivas como práticas (DUNCAN; DUNCAN, 2009). Nas práticas, o conhecimento espacial é articulado. “A complexidade da prática espacial é entendida como sujeitos corporificados socializados vivendo juntamente com relações sociais particulares.” (CROUCH, 1999, p. 13, tradução nossa).

Diante disso, a reflexividade e liminaridade são apontados como elementos da prática. “A liminaridade representa menos uma pausa distinta, temporal, mas uma oportunidade de reconfigurar, repetir, remixar outras práticas cotidianas, representações, ideias e vidas.” (CROUCH, 1999, p. 12, tradução nossa).

As situações e práticas de turismo/lazer (re)produzem identidades, que não são necessariamente autoconscientes, tampouco elaboradas para atingir algum fim específico, mas praticadas à medida que são corporificadas (CROUCH; ARONSSON; WAHLSTRÖM, 2001). Crouch e Desforges (2003) demonstram como espaço e identidades reproduzem ou inovam práticas, relações e representações. Forjar identidades faz sustentar determinados valores (CROUCH, 2006). Assim, o turismo/lazer permite “descoberta e reconfiguração do self [que] são evidentemente importantes. As práticas de turismo/lazer podem ser significativas na amizade, construção de comunidades, empoderamento e identidade, como prazer.” (CROUCH, 1999, p. 13, tradução nossa). A espacialização ativa das identidades representa as culturas turísticas, que variam no tempo-espacó, mediante o modo como os sujeitos estruturam suas performances na divisão casa/trânsito/destino (CRANG, 2009).

Para Crouch (2006), o corpo é ativo nas práticas de turismo/lazer: a ação física informa o sentimento e o pensamento. Mais que um receptáculo de inscrições, o corpo expressa, toca, se move e transmite significados do self (CROUCH; ARONSSON; WAHLSTRÖM, 2001). Em favor do rompimento da divisão cartesiana entre corpo e mente, surgiu a noção de corpo-sujeito, um modo fenomenal de experienciar o mundo, que ocorre antes de qualquer consciência reflexiva (ADEY, 2017).

As práticas turísticas podem ocorrer de modos temporários, repetitivos e/ou realísticos, em que o conhecimento mundano importa. O turismo/lazer envolvem diferentes relações e negociações: o mundo do turista não está prefigurado (CROUCH; ARONSSON; WAHLSTRÖM, 2001). “Distinguir um turista torna-se mais difícil em circunstâncias de vidas mais complexas e contemporâneas, e[m] tal reconhecimento de práticas turísticas mais complexas.” (CROUCH; ARONSSON; WAHLSTRÖM, 2001, p. 256). Ou seja, as fronteiras entre práticas de turismo e as práticas de não turismo podem ser mais tênues do que se pode pensar, pois as práticas turísticas são ubíquas (EDENSOR, 2007).

No que tange às práticas, as principais influências de Crouch são Merleau-Ponty – sobre prática corporificada e expressividade, e que inspira os estudos não representacionais – e de De Certeau sobre poéticas da prática (CROUCH, 2007; CROUCH; DESFORGES, 2003).

As práticas e performances são atos culturais: a performatividade articula as práticas, em processos fluidos de tornar-se, nos quais as interdições não atingem completude. A performatividade é um discurso poderoso à medida que se assimilam as múltiplas rotas ou vias desse tornar-se (CROUCH, 2003; 2006).

Nesse contexto, as práticas e as performances compõem o fluxo da cultura contemporânea, na qual significados mudam e/ou são mudados. Vai-se buscar na memória o significado, atualizado na/pela performance: a memória está sempre em representação (CROUCH, 2007).

A performance envolve o uso de habilidades e conhecimentos (CROUCH; DESFORGES, 2003), e envolve o de turista em ação, em vez do acontecer agendado pela mídia (CROUCH, 2007): num mesmo sítio, pode haver performances turísticas divergentes (EDENSOR, 2007).

É no relacionamento com outros sujeitos, objetos e lugares que a performance adquire significado. Nesse quesito, é necessário reconsiderar as fronteiras estritas entre *performer* e espectador, como, por exemplo, no público em estádios (CROUCH, 1999, 2007).

A performance utiliza conotações dramatúrgicas, enfatizando a trajetória corpórea dos sujeitos-turistas no espaço e nos lugares (CROUCH; DESFORGES, 2003), notando-se diferentes modos de agência e de estrutura (EDENSOR, 2001). Esses sujeitos empreendem práticas nos sítios turísticos, em situações nas quais a agência experencia distintos graus de limitações (CROUCH; DESFORGES, 2003).

Os atos de performar são análogos ao de tornar-se e ao de espacializar-se, com entrelaçamentos na vivência do mundano, elucidando modos pelo quais os protocolos funcionam. Como consequência, “atividades de lazer tendem a ter protocolos junto dos quais os indivíduos agem e são compreendidos por buscarem significados e valores particulares de lazer.” (ibidem, p. 133, tradução nossa). A performance é negociada entre os sujeitos e seu respectivo self, possui duração, memória e consciência, agindo em um constante rearranjo desse self, embora o turismo também sirva para o regular. E, enquanto a performatividade sinaliza para possível abertura,

negociação e contestação, a performance aponta para o funcionamento do cotidiano (CROUCH, 2003, 2006, 2007, 2013).

As fotografias podem ser meios úteis de exemplificar a condição assumida, no tornar-se turista, a partir de práticas e performances.

As pessoas praticam turismo/lazer usando objetos como fotografias e a atividade de fotografar, para articular amizade, sociabilidade e corporificação. A fotografia é usada de acordo com princípios bem-conhecidos e habilidades aprendidas. Entretanto, em vez do ‘tirar a foto’ sendo entendido como um olhar imparcial, Crang³ ‘vê’ isto como um evento corporificado e social frequente em si mesmo. (CROUCH, 1999, p. 11, tradução nossa).

Turismo/lazer são práticas eminentemente visuais, e consequentemente, ao turista é conferida autoridade visual no fotografar, e isso se deve ao ocular-centrismo da experiência e conhecimento ocidentais, ainda vigentes no turismo (SCARLES, 2014). Contudo, hoje se reconhece que as experiências do turismo sejam “mais-que-visuais” (EDENSOR, 2018) e, nesse sentido, as fotografias coreografadas são práticas geográficas (LARSEN, 2006). O fotografar medeia a relação dos sujeitos do turismo com as paisagens (SCARLES, 2004).

O fato de alguns turistas deslocarem-se para determinados sítios se deve a que outros turistas foram antes deles (MACCANNELL, 2001), buscando replicar as vistas clássicas (SCARLES, 2009), apesar de inúmeras possibilidades de fotografar uma paisagem, o que se configura em uma performance, graças à comodificação das paisagens no/do/pelo turismo (EDENSOR, 2007). A fotografia pode, ainda, transmitir subjetividades, e ser parte de um encontro mutuamente enriquecedor, que reside na circulação múltipla de artefatos e práticas (CROUCH; LÜBBREN, 2003).

As práticas são abordadas em termos de um encontro expressivo, subjetivo e até mesmo poético. Esses encontros, ou interações espaciais⁴, podem ser abordados como autorrealização e conhecimento (CROUCH, 2006; CROUCH; ARONSSON; WAHLSTRÖM, 2001). Fenomenologicamente, dos encontros emerge um senso de alteridade e de familiaridade (WYLIE, 2013).

Assim como a noção de encontro, a morada é expressão metafórica da performance. Aquela, em vez de uma metáfora estática, envolve o ser, a partir de conhecimentos inconscientes do morar-com, a partir de práticas ritualizadas (CROUCH; DESFORGES, 2003). As ações empreendidas em relação ao *self* e aos outros, o são por meio da negociação, inter-subjetividade, autorregulação e (CROUCH; DESFORGES, 2003; OBRADOR-PONS, 2003).

Os encontros turísticos podem ser imaginados ou experenciados (SCARLES, 2009). Os turistas e os promotores do turismo podem co-construir destinos como locais de encontro com o Outro, e para temporário anonimato do *self*, ou, alternativamente,

3 Refere-se a Mike Crang. Para mais detalhes, ver Crang (1997, 1999).

4 Aqui não se confunde com a noção de interação espacial preconizada pela economia espacial.

para a companhia de outros; os planejadores podem habilitar um encontro ou sugerir uma superfície da prática da qual o turista vai além, o fazendo de seu próprio modo (CROUCH; ARONSSON; WAHLSTRÖM, 2001).

Cabe reproduzir, na íntegra, umas das passagens de Crouch mais difundidas no Turismo: “A partir de uma perspectiva da prática, o turismo é um encontro. Um encontro entre pessoas, pessoas e espaço, no meio de pessoas [...] que engendra expectativas, desejos, contextos e representações, imaginação e sentimento.” (CROUCH, 2007, p. 117).

Nos/pelos encontros há (re)elaboração de um conhecimento geográfico leigo, fazendo sentido do mundo (CROUCH, 1999; CROUCH; DESFORGES, 2003). O representacional mescla-se ao sensorial, irrefletido e ao conhecimento prático (EDENSOR, 2007). Essas geografias leigas ou vernaculares são relevantes, e não apenas a geografia acadêmica: as primeiras surgem a partir do fluxo de eventos que se sucedem nos encontros com outros, consigo mesmo, com artefatos e memória (CROUCH, 1999).

Reconhecer as geografias leigas não significa a supremacia da produção do conhecimento, mas pressupõe uma (re)conexão entre dois domínios geográficos, que leve em conta os sujeitos corporificados interagindo com o mundo. As sensibilidades, multissensoriais e/ou imaginárias, governam o conhecimento empírico do mundo. Na compreensão cognitiva, aliada à corpórea, o saber tem conceitualizado as experiências turísticas, cujo sentido é atribuído pelo próprio turista (CROUCH, 1999; CROUCH; DESFORGES, 2003; CROUCH; ARONSSON; WAHLSTRÖM, 2001).

Os encontros são eventos do tornar-se, em que os turistas podem ser ativos ao negociar no/com o mundo que eles encontram (CROUCH; DESFORGES, 2003). Tornar-se turista pressupõe a intersecção entre a antecipação, a experiência *in situ* e a rememoração do pós-viagem, sobretudo por fotografias (SCARLES, 2009).

Essas interações turísticas dos sujeitos, aliadas às suas práticas, contribuem para a emergência da experiência do sujeito (CROUCH, 1999, 2007). Desse modo, a complexidade do encontro, se dá em referência a toda sorte de contextos e representações (CROUCH; ARONSSON; WAHLSTRÖM, 2001). “O encontro corporificado é mais que simplesmente somar os componentes dos sentidos”. (CROUCH; LÜBBREN, 2003, p. 11-12, tradução nossa).

O olhar do turismo/lazer possui seu poder sobre a comunicação e a cultura visuais (CROUCH, 2006). Segundo Crouch e Lübbren (2003), o campo de estudos da Cultura Visual, reúne, de um lado, dispositivos visuais, e de outro, hábitos e comportamentos visuais.

Crouch e Lübbren (2003) perguntavam-se: O que a cultura visual pode nos falar sobre a constituição e a prática do turismo? A cultura visual (re)inventa sítios e experiências do turismo, ou isso é uma fonte de processo mais complexo? A cultura visual interpreta sítios, tornando-os aptos à animação turística? Como a cultura visual é inserida na dinâmica do que o turista pratica? A cultura visual provê narrativas de interpretação para consumo turístico? (CROUCH; LÜBBREN, 2003).

Assim, as culturais visuais do turismo podem se manifestar tanto pela conceitualização de representações – ou seja, priorizando destinos, direcionando ou sugerindo modos de ver, e provendo pontos de partida para o turista –, ou, constituindo a vista propriamente dita (CROUCH; LÜBBREN, 2003).

São relevantes as tecnologias mediadoras atualmente envolvidas nos encontros turísticos e os dos signos mediados (CROUCH; ARONSSON; WAHLSTRÖM, 2001). No turismo, a velocidade em que as tecnologias cruzam as paisagens produzem novos modos de experienciar os lugares, como, por exemplo, o automóvel, que, intersubjetivamente, permite que outros encontros ocorram (CROUCH; DESFORGES, 2003; CROUCH; LÜBBREN, 2002).

O surgimento do senso de *self* e de paisagem se dá por meio de encontros, experiências vivificadas, corporificadas: a constituição da subjetividade e a da paisagem se dão por cumplicidade (WYLIE, 2013). Nesse sentido, em Crouch “A paisagem é considerada como poética expressiva do espaço⁵ em um modo que torna possível uma relação dinâmica entre representações e práticas, ambas situadas e móveis.” (CROUCH, 2010, p. 5, tradução nossa). O autor argumenta que: “‘Sentir’ a paisagem na expressiva poética do espaço é um modo de imaginar o lugar de alguém no mundo.” (CROUCH, 2010, p. 14, tradução nossa). Para ele, a paisagem é, ainda, um modo privilegiado de flerte entre espaço e sujeito. É como flerte que nos engajamos performativamente, visual e corporealmente, com os arranjos materiais do espaço. Ou seja, a paisagem torna-se um modo contingente, incerto e fluido pelo qual encontramos a alteridade (CROUCH, 2010, 2014).

As representações atuam como referentes e canais pelos quais conhecem-se a paisagem. Paralelamente, a paisagem pode ser envolvida no processo de dotar de significados os (sub)espaços. “A paisagem ressoa a capacidade de pertencimento, desorientação e disruptão. A paisagem não é perspectiva e horizonte [...]” (CROUCH, 2013, p. 123, tradução nossa), mas possui sua expressão como encontro com o espaço (CROUCH, 2013). A paisagem como prática (artística), é encaminhada em processo, em vez de uma experiência exterior ou restrita ao aspecto físico dos encontros; essa paisagem, a da arte e da vida, não são instâncias separadas (CROUCH, 2010). Essas paisagens das práticas dificilmente podem ser transmitidas por meio de palavras (DUNCAN; DUNCAN, 2009), exigindo, assim, outros modos de acessar as percepções e representações dos fenômenos.

Como resultado da análise e da síntese que se intenta operar, exibe-se o Quadro 1, com as principais contribuições teórico-conceituais do autor estudado, para a Geografia e o Turismo, no período de 1997 e 2013, para o qual sugere-se periodização, que embora não sendo absoluta, segue para se ter um panorama da evolução temática, conceitual e intelectual de David Crouch. Os dois períodos se mostram instrutivos para definir duas linhas-mestras, evidenciadas por este trabalho: i) geografias leigas, encontros turísticos e cultura visual do turismo/lazer; e, ii) paisagens e performatividade.

5 Referir-se à obra *A Poética do Espaço*, do fenomenólogo Gaston Bachelard.

QUADRO 1 – ANÁLISE E SÍNTESE DAS CONTRIBUIÇÕES DE DAVID CROUCH PARA A GEOGRAFIA E PARA O TURISMO

Período	Principais obras	Afinidades e tendências
Período 1	<ul style="list-style-type: none"> - Crouch (1999) - Crouch, Aronsson & Walström (2001) - Crouch (2003) - Crouch & Desforges (2003) - Crouch & Lübbren (2003) - Crouch (2006) - Crouch (2007) 	<ul style="list-style-type: none"> - Geografias leigas - Práticas de turismo/lazer - Encontros turísticos - Culturas visuais do turismo - Espacialização e o “tornar-se” - Corporificações no turismo - Geografias do turismo/lazer
Período 2	<ul style="list-style-type: none"> - Crouch (2010) - Crouch (2013) 	<ul style="list-style-type: none"> - Paisagem fenomenológica - Performances e performatividade

FONTE: Elaborado pelo autor (2021).

Embora distintas das preocupações do período 1 (predominante nos anos 2000), no período subsequente David Crouch não abandona as anteriores, mas as amplifica, diversifica e complexifica. Contudo, é no período de 1999-2009 que suas ideias-chave são enunciadas e difundidas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de David Crouch encontra-se na confluência entre Estudos Culturais e Turismo, com decisiva influência da Geografia Fenomenológica. Suas principais publicações são aquelas do início dos anos 2000. Contudo, considera-se que o autor não é datado, uma vez que o tecido teórico-conceitual por ele proposto, e que é empreendimento interdisciplinar, cabe para o estudo do objeto do Turismo.

David Crouch permite uma visão de turismo na qual este é modo relevante de perceber e sentir o mundo, na medida em que o fenômeno porta seu próprio conjunto de tecnologias, predisposições e sensibilidades (FRANKLIN; CRANG, 2001). Suas proposições e seus argumentos encaminham para uma visão matizada entre turismo/lazer, em que certas práticas permeiam ambos os fenômenos.

O turismo/lazer é um modo distinto de encontro dos sujeitos consigo mesmos, com outros sujeitos, bem como com espaços, lugares e paisagens. Contudo, há que se ter cuidado para não tomar os dois fenômenos de modo intercambiável, esvaziando-lhes o sentido: trata-se de reconhecer, onde um encontra o outro, na/pela espacialização. Central nas concepções de lazer perseguidas por David Crouch, Rojek (1995) pronuncia que o turismo/lazer não escapam aos processos de comodificação. Embora adote essa formulação, Crouch questiona os limites do consumo e introduz a esfera das práticas.

O autor estudado ensina que o fenômeno do turismo emerge, embora não exclusivamente, no/pelo sujeito-turista, que é agente/ator, o que permite uma noção mais complexa e relacionais deste. Ser turista é praticar: agência e subjetividade são seus componentes-chave, sem negar-lhes as estruturas. As corporificações do sujeito, em busca de identificações provisórias, são ressaltadas. As práticas turísticas contemporâneas desafiam a distinção de um turista de outros sujeitos contemporâneos. Não se é turista o tempo todo, assim como um anfitrião pode também sair de viagem. Nessas ocasiões, o turismo/lazer é modo privilegiado de amplificar geografias leigas ou retransmiti-las.

Vê-se que uma das principais contribuições de David Crouch é a noção de encontros turísticos, que reativa práticas, mobiliza e aproxima sujeitos – consigo mesmo ou com os demais – conferindo significado a paisagens e praticando o espaço. Também mostra que as experiências e os encontros são multissensoriais, e que, sob análise, é tarefa árdua dissociar a percepção de um sentido humano e a de outro.

Buscou-se (re)tecer a trajetória intelectual, teórica e conceitual do autor em tela, percorrendo suas ideias e posições-chave, e projetando como tais contribuições podem alçar-se a um contemporâneo conhecimento (geográfico) do turismo/lazer. Destacaram-se os trechos centrais, do que julgam-se ser seus principais textos, a fim de que sua obra torne-se mais inteligível, pelo menos aos não familiarizados.

Diante da condição do Turismo como área também aplicada, com frequência se indaga se isso não traria problemas para sua disciplinarização ou para a obtenção de melhorias sociais (HALL; PAGE, 2009). Com David Crouch ocorre o oposto: suas contribuições brindam tanto à sua área de origem, quanto à constituição de um campo transdisciplinar de pesquisa para o Turismo. O autor discute a evolução do saber turístico na esteira das geografias (Geografias) cambiantes e de como a massa crítica do Turismo a isso reagirá (CROUCH, 2017).

As ideias de David Crouch sobre espacialização, paisagem e turismo/lazer referendam as da geografia “mais-que-representacional”, conforme proposta pelo também britânico Lorimer (2005), uma vez que busca por compreender processos de construção de conhecimento por meio do fazer, não apenas pela agência humana, mas focando em como essa agência interage com elementos não humanos (WATERTON, 2014). Ainda, depreende-se que o autor defende uma ontologia relacional do espaço, concebido como um sistema contingente, em alinhamento com epistemólogos da Geografia também britânicos.

Possivelmente um dos principais ensinamentos de David Crouch é o de que o turismo não é instância afastada do mundo, mas o co-constitui (CROUCH; DESFORGES, 2003). O autor também nos acena com a possibilidade de que turismo/lazer sejam arenas e/ou laboratórios privilegiados de observação e compreensão das práticas e teorias socioespaciais.

David Crouch atua como um desses geógrafos, que, assim como apontado por Hall e Page (2009), atuam no Turismo fora de suas fronteiras da Geografia institucionalizadas. O estudioso parece ser daqueles que contribuem à expansão do

foco geográfico no/do Turismo, com a inclusão de objetos de outras Ciências Sociais, especialmente Sociologia e Estudos Culturais.

Por fim, concorda-se com Hall e Page (2009), quando afirmam que a Geografia não tem o monopólio da pesquisa turística, mas tem a ela aportado. Nesse sentido, David Crouch é autor que representa essa massa crítica, um corpo de geógrafos que caminham nessa direção.

AGRADECIMENTO

Agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes, pela concessão de doutorado sanduíche (processo 88881.188803/2018-01), entre outubro de 2018 e março de 2019, em Western Michigan University, Estados Unidos, período de estudos que permitiu este trabalho.

REFERÊNCIAS

- ADEY, P. **Mobility**. Londres/Nova York: Routledge, 2017.
- ARAÚJO, G. A. de; LOBO, C. Teoria Ator-rede e análise no turismo: Um novo paradigma? **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 1-24, maio/ago. 2017.
- CORRÊA, R. L. Denis Cosgrove – a paisagem e as imagens. **Espaço & Cultura**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 29, p. 7-21, jan./jul. 2011.
- CRANG, M. Knowing, tourism, and practices of vision. In: CROUCH, D. (Org.). **Leisure/tourism geographies**: Practices and geographical knowledge. Londres/Nova York: Routledge, 1999. p. 238-257.
- CRANG, M. Picturing practices: research through the tourist gaze. **Progress in Human Geography**, v. 21, n. 3, p. 359-373, jun. 1997.
- CROUCH, D. Changing geographies and tourism scholarship. **Tourism Geographies**, Oxfordshire, v. 20, n. 1, p. 175-177, jan. 2017.
- CROUCH, D. Landscape, performance, and performativity. In: HOWARD, P.; THOMPSON, I.; WATERTON, E. (Org.). **The Routledge Companion to Landscape Studies**. Londres/Nova York: Routledge, 2013. p. 119-127.
- CROUCH, D. Flirting with space: thinking landscape relationally. **Social & Cultural Geographies**, Londres, v. 17, n. 1, p. 5-18, jan. 2010.
- CROUCH, D. Práticas e resultados turísticos. In: LEW, A.; HALL, M.; WILLIAMS, A. (Org.). **Compêndio de Turismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007. p. 111-120.

CROUCH, D. Geographies of Leisure. In: ROJEK, C.; SHAW, S. M.; VEAL, A. J. (Org.). **A Handbook of Leisure Studies**. Londres: Palgrave MacMillan, 2006. p. 125-139.

CROUCH, D. Spacing, performing, and becoming. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 35, n. 11, p. 1945-1960, nov. 2003.

CROUCH, D. Introduction: encounters in tourism/leisure. In: CROUCH, D. (Org.). **Leisure/tourism geographies: Practices and geographical knowledge**. Londres/Nova York: Routledge, 1999. p. 1-11.

CROUCH, D.; ARONSSON, L.; WAHLSTRÖM, L. Tourist encounters. **Tourist Studies**, Londres/Thousand Oaks/Nova Deli, v. 1, n. 3, p. 253-270, dez. 2001.

CROUCH, D.; DESFORGES, L. The sensuous in the tourism encounter: Introduction - the power of the body in Tourist Studies. **Tourist Studies**, Londres, Thousand Oaks e Nova Deli, v. 3, n. 1, p. 5-22, abr. 2003.

CROUCH, D.; LÜBBREN, N. Introduction. In: CROUCH, D.; LÜBBREN, N. (Org.). **Visual culture and tourism**. Berg: Oxford/New York, 2003.

DUNCAN, N.; DUNCAN, J. Doing landscape interpretation. In: DELYSER, D.; HERBERT, S.;AITKEN, S.; CRANG, M. MACDOWELL, L. (Org). **The Sage Handbook of Qualitative Geography**. Londres/Thousand Oaks/Nova Deli/Cingapura: Sage Publications, 2009. p. 225-244.

EDENSOR, T. The more-than-visual experiences of tourism. **Tourism Geographies**, v. 20, n. 8, p. 913-915, out. 2018.

EDENSOR, T. Mundane mobilities, performances, and spaces of tourism. **Social & Cultural Geographies**, v. 8, n. 2, p. 199-215, abr. 2007.

EDENSOR, T. Performing tourism, staging tourism: (re)producing tourist space and practice. **Tourist Studies**, Londres/Thousand Oaks/Nova Deli, v. 1, n. 1, p. 59-81, jun. 2001.

FRANKLIN, A.; CRANG, M. The trouble with tourism and travel theory? **Tourist Studies**, Londres/Thousand Oaks/Nova Deli, v. 1, n. 1, p. 5-22, jun. 2001.

GUIMARÃES, V. M. Encontros turísticos: reflexões sobre o turismo através da subjetividade do turista. **Anais Brasileiros de Estudos Turísticos**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 55-64, jan./jun. 2012.

HALL, C. M.; PAGE, S. J. Progress in Tourism Management: From the Geography of Tourism to Geographies of Tourism - A review. **Tourism Management**, v. 30, n. 1, p. 3-16, jan. 2009.

INGOLD, T. **The perception of environment:** Essays on livelihood, dwelling and skill. Londres/Nova York: Routledge, 2000.

KNUDSEN, D. C.; METRO-ROLAND, M. M.; RICKLY-BOYD, J. Landscape studies and tourism research. In: HOWARD, P.; THOMPSON, I.; WATERTON, E. (Org.). **The Routledge Companion to Landscape Studies.** Londres/Nova York: Routledge, 2013.

KNUDSEN, D. C.; RICKLY-BOYD, J. M.; METRO-ROLAND, M. M. Landscape perspectives on tourism geographies. In: WILSON, J. (Org.). **The Routledge Handbook of Tourism Geographies.** London/New York: Routledge, 2012. p. 201-207.

LARSEN, J. The Tourist Gaze 1.0, 2.0 e 3.0. In: LEW, A.; HALL, C. M.; WILLIAMS, A. M. (Org.). **The Wiley Blackwell Companion to Tourism.**

Malden/Oxford/Carlton: Wylie Blackwell, 2014. p. 304-313.

LARSEN, J. Geographies of tourist photography: Choreographies and performances. In: FALKHEIMER, J.; JANSSON, A. (Org.). **Geographies of Communication:** the spatial turn in Media Studies. Gottemburg: Nordicom, 2006. p. 241-257.

LARSEN, J.; URRY, J. Gazing and performing. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 29, n. 6, p. 1110-1125, jan. 2011.

LÖFGREN, O. **On holiday:** a history of vacationing. Berkeley: University of California Press, 1999.

LORIMER, H. Cultural geography: the busyness of being more-than-representational. **Progress in Human Geography**, v. 29, n. 1, p. 83-94, fev. 2005.

MACCANNELL, D. **The ethics of sightseeing.** Berkeley: University of California Press, 2011.

MACCANNELL, D. Tourist agency. **Tourist Studies**, Londres/Thousand Oaks/Nova Deli, v. 1, n. 1, p. 23-37, jun. 2001.

OBRADOR-PONS, P. Being-on-holiday: Tourist dwelling, bodies and place. **Tourist Studies**, Londres/Thousand Oaks/Nova Deli, v. 3, n. 1, p. 47-66, abr./jul. 2003.

PIMENTEL, M. R. **Cataratas do Iguaçu:** Registros e experiências de uma paisagem turística. 219 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PIMENTEL, M. R.; CASTROGIOVANNI, A. C. Geografia e Turismo: Em busca de uma interação complexa. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 7, n. 3, p. 440-458 jul./dez. 2015.

PUBLICAÇÕES DE TURISMO. **Busca**. Disponível em: <<http://www.each.usp.br/turismo/publicacoesdeturismo/>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

ROJEK, C. **Decentering leisure**: Rethinking leisure theory. Londres/Thousand Oaks/Nova Deli: Sage Publications, 1995.

SANTOS, M. C.; RIBEIRO, H. C. M. Vantagem competitiva no Turismo à luz de sua produção acadêmica. **Revista de Administração e Turismo**, Pelotas, v. 8, n. 4, p. 831-850, jan./jun. 2016.

SANTOS, T. N. A. dos; GOMES, C. L. Interfaces lazer-turismo: Um estado do conhecimento. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 8, n. 4, p. 419-434, out./dez. 2016.

SCARLES, C. Tourism and the visual. In: LEW, A.; HALL, C. M.; WILLIAMS, A. M. (Org.). **The Wiley Blackwell Companion to Tourism**.

Malden/Oxford/Carlton: Wylie Blackwell, 2014. p. 325-335.

SCARLES, C. Becoming tourist: renegotiating the visual in the tourist experience. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 27, n. 3, p. 465-488, jan. 2009.

SCARLES, C. Mediating landscapes: The processes and practices of image construction in tourist brochures of Scotland. **Tourist Studies**, Londres/Thousand Oaks/ Nova Deli, v. 4, n. 1, p. 43-67, abr. 2004.

TOURISM GEOGRAPHIES. **Aims and scope**. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/action/journalInformation?show=aimsScope&journalCode=rtxg20>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

URRY, J. **O olhar do turista**: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

URRY, J.; LARSEN, J. **O Olhar do turista 3.0**. Londres/Thousand Oaks/Nova Déli/Cingapura: Sage Publications, 2011.

WATERTON, E. Landscape and non-representational theories. In: HOWARD, P.; THOMPSON, I.; WATERTON, E. (Org.). **The Routledge Companion to Landscape Studies**. Londres/Nova York: Routledge, 2013.p. 66-75.

WILSON, J. (Org.). **The Routledge Handbook of Tourism Geographies**. Londres/Nova York: Routledge, 2012.

WYLIE, J. Landscape and phenomenology. In: HOWARD, P.; THOMPSON, I.; WATERTON, E. (Org.). **The Routledge Companion to Landscape Studies**. Londres/Nova York: Routledge, 2013. p. 54-65.

Recebido em: 10-11-2020.

Aprovado em: 11-10-2021.

TS